

Formação para o Diálogo: Repensar os Seminários Católicos

Éverton Aparecido da Silva¹

Resumo: O diálogo refere-se à própria essência da Igreja e apresenta suas raízes teológicas bem definidas, pois brota da iniciativa de Deus que entra em diálogo com a humanidade. Num contexto tão plural, deve ser a atitude constante que rege todos os ministérios que compõem a Igreja. Presbíteros e bispos são lideranças basilares nessa tarefa. Todavia, muitos adotam atitudes de fechamento e intolerância ou indiferentismo e relativismo. E mesmo que as lideranças eclesiais exprimam orientações de caráter exortativo e doutrinal, é em poucas casas de formação presbiteral uma realidade de fato. Ocorre até muita discursividade, mas pouca prática. Recorre-se, como fonte principal, às abordagens teóricas do Magistério eclesial católico permeadas por algumas luzes de estudiosos que versam sobre a questão, e entra a realidade experimentada pelo autor da pesquisa. A formação dos futuros presbíteros é um dever e um direito exclusivo da Igreja. Procura-se verificar se o diálogo é, suficientemente, fomentado com as pessoas e instituições. E ainda, se a formação presbiteral prevê em suas constituições tornar o futuro presbítero um ministro do diálogo. Estudos e práticas pastorais ecumênicas ou interreligiosas podem contribuir para ser o princípio unificador de todo o processo formativo. É preciso educar para o diálogo.

Palavras-chave: Formação. Diálogo. Igreja. Seminário Católico.

INTRODUÇÃO

Pelo simples fato de existir, o homem estabelece um vínculo de correlação que irá caracterizar o seu próprio modo de ser. Ser de relações no mundo, onde se encontra com o outro, realiza sua história e transforma a realidade à sua volta. Ser de relações com o transcendente, com o divino, com o outro além do visível que ultrapasse em larga escala a sua visão pragmática e o abra para uma realidade da qual ele se distingue ou que está para além da realidade que lhe é imediatamente acessível, mas com a qual necessariamente se relaciona ou que deve ser compreendida.

Para o estabelecimento da verdade, o homem precisa estar enraizado na consciência da importância desta correlação, aqui denominada de diálogo. Martin Buber, filósofo austríaco do século XX, constrói essa relação dialógica como ponto de partida para a procura do sentido da existência humana. “O diálogo traduz sempre uma experiência humana fundamental, uma vez que o ser humano se afirma como tal na relação com um tu” (BUBER, 1977, p. 32).

A concepção de diálogo coloca-nos sempre em relação com o outro, mas com a particularidade de abertura e aceitação do outro que é diferente de mim. Pressupõe uma semelhança e uma diferença, uma identidade e uma alteridade. O diálogo se instaura quando

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR), Faculdade João Paulo II (FAJOPA). E-mail: evertonaparecidodasilva@yahoo.com.br

ocorre uma atitude de abertura e escuta do outro, do diferente; quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamental.

O francês Emmanuel Levinas (1906-1995), filósofo da alteridade, baseia seu pensamento na relação com o outro, é no face-a-face humano que brota todo sentido. O eu precisa abrir-se para o outro, em especial para o que o outro me apresenta de diferente, que merece ser respeitado exatamente como se encontra, sem indiferença pelas suas particularidades. “O verdadeiro acesso à alteridade do outro, não é uma percepção, mas é tratá-lo por tu, isto é, falar ao outro antes mesmo de falar dele” (LEVINAS, 2014, p. 08). É diante do rosto do outro que o sujeito se descobre responsável e lhe vem à ideia o infinito.

Na nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, nº 121, lê-se:

[...] pelo fato de os não praticantes, os não crentes e aqueles que professam uma outra religião serem também destinatários do cuidado pastoral, os seminaristas são chamados a aprender a colocar-se em diálogo e a anunciar o Evangelho de Cristo a todos os homens, compreendendo as suas expectativas mais profundas e respeitando a liberdade de cada um” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 92).

O Documento de Aparecida afirma: “falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação” (DAp, 100e). E logo a seguir, recorda: “A realidade atual exige de nós maior atenção aos projetos de formação dos Seminários” (DAp 318).

As Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil asseguram: “O seminário de hoje tem a missão de formar presbíteros capazes de dialogar com a realidade plural e atuar pastoralmente no meio do povo” (CNBB, Doc. 93, n. 07). Elias Wolff, na obra *Ministros do Diálogo*, ressalva que “nesse contexto não poucos adotam atitudes que vão do fechamento e intolerância ao indiferentismo e ao relativismo (...) e mesmo que as lideranças eclesiais emitam orientações de caráter exortativo e doutrinal a favor do diálogo, ele é poucas vezes e em poucos ambientes uma realidade de fato” (WOLFF, 2004, p. 5-6). Ora, “não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas da fidelidade na imitação do Mestre” (DAp 372).

O Seminário Católico prevê em suas constituições tornar o futuro presbítero um ministro do diálogo? O diálogo é fomentado com as pessoas e instituições? O objeto de análise recorre como fonte principal às abordagens teóricas do Magistério eclesial católico, permeadas por algumas luzes de estudiosos que versam especificamente sobre a questão do diálogo e da formação presbiteral, e também entra a realidade experimentada pelo autor da pesquisa, suas inspirações e luzes.

1 IGREJA DO DIÁLOGO

O termo diálogo é uma realidade importante do caminho que a Igreja Católica começou novamente a percorrer a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e que se tornou característica da missão da Igreja nos tempos modernos.

A grande reflexão sobre o diálogo está presente na Encíclica *Ecclesiam Suam* do papa Paulo VI, conceito ao qual dedica o terceiro capítulo. Neste sentido, o papa desafia “a Igreja a entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se mensagem, faz-se palavra, faz-se colóquio” (ES 38). Ele apresenta a religião como ambiente em que se estabelece a relação de diálogo entre Deus e o Homem. Enfatiza que esse diálogo é realizado em quatro círculos: com tudo o que é humano, onde está inserida toda a humanidade; com os crentes em Deus, ou seja, os homens que adoram o mesmo Deus único e supremo que nós adoramos; o diálogo com os irmãos separados, ecumenismo; e, por fim, o diálogo no seio da Igreja Católica, doméstico, em plenitude de fé, caridade e de obras.

A partir de então, aprofunda-se o empenho da Igreja em favor do diálogo “por fidelidade à própria fé” (SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, 1984, p. 23). A decisão dialogal na Igreja tem suas raízes teológicas bem definidas, pois “nasce da iniciativa de Deus que entra em diálogo com a humanidade e do exemplo de Jesus Cristo cuja vida, morte e ressurreição deram ao diálogo a sua última expressão” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, 1991, p. 36).

Embora possa ser exercido sob uma multiplicidade de formas, o diálogo é, antes de tudo, um espírito, uma atitude, um estilo de ação que deve permear todas as nossas atividades. Ele “implica atenção, respeito e acolhimento para com o outro, a quem se reconhece espaço para a sua identidade pessoal, para as suas expressões, os seus valores” (SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, 1984, p. 27). Tal como se verifica no documento Diálogo e Anúncio, congruente com este entendimento é a noção de que o diálogo pode ser compreendido em três níveis distintos, a saber:

Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isto pode ser chamado - com razão - ‘o espírito do diálogo’. Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa ‘o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento’, na obediência à verdade e no respeito à liberdade (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, 1991, p. 11).

As Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil também recordam esta permanente realidade ao explicitar os fundamentos e finalidades das dimensões da formação, referindo-se à formação pastoral-missionária:

As experiências pastorais estejam abertas ao diálogo e cooperação com projetos de evangelização desenvolvidos por outras igrejas e comunidades eclesiais, que se encontram na mesma região onde atua o seminarista. Desse modo, ele pode estabelecer uma correta relação entre diálogo e missão, diálogo e anúncio, como exige o atual contexto religioso plural e como orienta o Magistério da Igreja (CNBB, 2010, p. 149).

2 O DIÁLOGO E A FORMAÇÃO

O diálogo deve ser a atitude constante que rege todos os ministérios que compõem a Igreja, os ordenados e os não ordenados. O esforço missionário de toda a Igreja é um dever sagrado de todos e de cada um dos seus membros. Presbíteros e bispos são lideranças fundamentais nessa tarefa e muitos estão empenhados nesse caminho eclesial. Porém, é comum ouvirmos queixas sobre a falta de espírito missionário no clero, sendo urgente uma formação mais focada no eixo pastoral-missionário.

Os desafios de nosso tempo, conforme as Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil 2019, são: “Os candidatos necessitam da presença de uma equipe de formadores e de um projeto formativo pedagógico-mistagógico que lhes permita construir com solidez sua personalidade humana e cristã” (CNBB, 2019a, p. 28). E ainda:

Repercutem na formação presbiteral e exigem uma resposta pessoal dentro de um processo que se inicia com o conhecimento do dom recebido e amadurece gradualmente ao longo do itinerário formativo, ‘até configurar-se através de uma forma estável de vida, com um conjunto de deveres e de direitos, e uma missão específica’ (CNBB, 2019a, p. 24).

Os desafios da mudança de época e da prática pastoral impõem ao processo formativo a necessidade de permanente avaliação e revisão. (...) Os candidatos ao ministério ordenado e os próprios presbíteros são filhos ou herdeiros das mudanças em curso, pois dessas realidades eles provêm e por elas são influenciados (CNBB, 2019a, p. 26-27).

Nas circunstâncias atuais, a identidade e a missão do presbítero envolvem: prioridade da tarefa da evangelização, o que acentua o caráter missionário do ministério presbiteral; e, o cultivo da dimensão

ecumênica, o diálogo inter-religioso, no respeito à pluralidade de expressar a fé em Deus e nos valores do Evangelho (CNBB, 2019a, p. 37).

Fomentar o espírito missionário por meio do diálogo é fundamental para dar ao formando o *sentire cum ecclesia* tão importante hoje. Há urgência de formação que coloque a missão dialogal no coração dos presbíteros. Estudos e práticas pastorais ecumênicas ou interreligiosas podem contribuir para ser o princípio unificador de todo o processo formativo.

A formação para o diálogo interreligioso e ecumênico é imperativa, principalmente nos ambientes que formam os líderes religiosos de suas instituições. O magistério eclesial católico promove e fomenta, suficientemente, o diálogo ecumênico e o interreligioso com pessoas de outras religiões não cristãs. E ainda, a formação presbiteral prevê em suas constituições tornar o futuro presbítero um ministro do diálogo e da unidade diante do pluralismo religioso.

3 DIMENSÕES DA FORMAÇÃO

Jesus Cristo chama à intimidade de vida com Ele e à partilha de sua missão de salvação. O itinerário de vida do futuro sacerdote deve buscar metas irrenunciáveis que correspondam às exigências essenciais da identidade e missão dos presbíteros, que se apreendem nas diversas dimensões da formação: humana, intelectual, espiritual e pastoral. A vida em comunidade no Seminário é o local mais adequado para interação destas dimensões, harmonizando-as e integrando-as reciprocamente.

Cada uma das dimensões formativas interage simultaneamente no processo formativo e na vida dos ministros ordenados como exigência essencial do ministério. Também está dirigida à transformação ou assimilação do coração do formando à imagem do próprio coração de Cristo em um projeto pessoal de vida sólido. Seguem os elementos importantes destas dimensões que auxiliam a compreensão e a urgente busca da formação para o diálogo dos futuros ministros ordenados.

3.1 DIMENSÃO HUMANA

É preciso facilitar o encontro e o diálogo; crescer na aceitação e no acolhimento do outro; saber intuir as dificuldades dos outros e desenvolver as atitudes de cooperação, diálogo e respeito; saber fazer-se igual; colaborar e trabalhar em equipe para que, quando presbítero, exerça uma liderança que, sem autoritarismo, favoreça a missão da Igreja e o crescimento do Reino de Deus; exercitar o diálogo, aperfeiçoando assim a convivência humana pela dinâmica da escuta-resposta e estreitando os laços de solidariedade, estima e amizade; cultivar o sonho da fraternidade, para oferecerem ao mundo algo distinto e construtivo, o desejo profundo de uma vida diferente; suscitar uma nova disponibilidade; cultivar plenamente as qualidades humanas que o tornam uma pessoa credível e com aceitação junto dos outros, preocupando-se

com a própria linguagem e a capacidade de diálogo, para adquirir assim uma atitude autenticamente ecumênica.

Desenvolver atitudes de colaboração, respeito, compreensão, compromisso e diálogo para com membros de religiões diferentes da sua, por exemplo, é sinal claro de uma madura personalidade.

Um projeto formativo ecumênico e inter-religioso se torna, antes de tudo, um projeto de formação para a liberdade. Elias Wolff em *Ministros do Diálogo*, discorrendo acerca do diálogo ecumênico e inter-religioso nas dimensões da formação presbiteral, chama a atenção para as consequências positivas desta humanização:

As igrejas e as religiões sentem-se enriquecidas com o amadurecimento humano-afetivo dos seus ministros. Supera-se, assim, todo tipo de legalismo religioso, fazendo das igrejas e religiões espaços afetivos de acolhida, solidariedade, compromisso e comunhão. E na medida em que isso acontece, beneficiam-se não apenas os membros das igrejas e das religiões, mas melhoram também as relações no meio social em que eles se encontram. Explicita-se, assim, a contribuição positiva do diálogo ecumênico e inter-religioso na dimensão humano-afetiva da vida das pessoas e dos grupos (...) e isso precisa ser desenvolvido na dimensão humano-afetiva da formação dos agentes de pastoral na Igreja, particularmente dos ministros ordenados (WOLFF, 2004, p. 52).

3.2 DIMENSÃO INTELECTUAL

É necessário que os candidatos ao sacerdócio “saibam buscar, à luz da Revelação, a solução dos problemas humanos, aplicar as verdades eternas à condição mutável das coisas humanas e anunciá-las de modo conveniente aos homens seus contemporâneos” (*Optatam Totius* n° 16).

A formação intelectual acompanha os presbíteros a fim de que os mesmos se disponham a escutar com profundidade a Palavra, mas também a própria comunidade eclesial, para assim aprenderem a perscrutar os sinais dos tempos.

Uma contemporânea preocupação que precisa ser instaurada como urgência e foco dos Institutos e Faculdades teológicas católicas é a formação ecumênica dos ministros ordenados, e dada a emergência do pluralismo religioso, é imperativo um estudo que considere a especificidade do diálogo inter-religioso, ou seja, a Teologia das Religiões.

Aqueles que são os responsáveis pela animação da formação precisam ter recebido uma formação ecumênica densa, principalmente os sacerdotes. Os planos de estudos devem dar uma dimensão ecumênica a cada disciplina teológica e um curso específico de ecumenismo.

Os elementos chaves para assegurar a dimensão ecumênica de cada disciplina são: a hermenêutica, a hierarquia das verdades, e os frutos dos diálogos ecumênicos. Metodologia ecumênica para as disciplinas teológicas: elementos que todos os cristãos têm em comum, pontos de desacordo e resultado dos diálogos ecumênicos.

Em muitas instituições acadêmicas, até há a disciplina de Ecumenismo, porém com carga horária reduzida e professores não especialistas, por isso também é exigente a renovação de método de ensino, o empenho por parte dos docentes e sua formação estrita, a fim de ajudar a crescer o espírito ecumênico. Conceitos, dimensões e fundamentos teóricos são importantes, porém não suficientes. Necessária é também a prática.

3.3 DIMENSÃO ESPIRITUAL

O candidato há de adquirir a capacidade e o hábito de cultivar momentos de diálogo íntimo e pessoal com Deus sob o modelo de Jesus e sua relação filial com o Pai. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Unitatis Redintegratio* nº 08, ensina que “a oração é a alma de todo movimento ecumênico”. A espiritualidade cristã possui uma importante dimensão ecumênica, que carece ser cultivada na formação presbiteral.

O Documento 93 da CNBB nº 294 diz que o presbítero “desenvolva a dimensão ecumênica da sua espiritualidade, orando continuamente e orientando a oração pela unidade dos cristãos”.

Por mais que o jovem vocacionado deva viver uma espiritualidade cristã, “não pode deixar de considerar o fato de que na experiência do Transcendente existem outros sistemas religiosos que apresentam outras espiritualidades, místicas próprias, também significativas para expressar a relação das pessoas com o Totalmente Outro” (WOLFF, 2004, p. 55).

Só consegue valorizar a experiência religiosa do outro quem tem uma vida de encontro profundo com Deus. O fundamental é a comunhão com o divino e não com suas mediações. O outro pode cooperar para a nossa edificação. Este é um doloroso caminho a ser vencido na vida espiritual dos presbíteros e dos candidatos ao sacerdócio.

3.4 DIMENSÃO PASTORAL

O Decreto *Optatam Totius* nº 19 afirma: “Cultivem-se, em geral, nos alunos as convenientes aptidões que mais concorrem para o diálogo com os homens, como é a capacidade de ouvir os outros e de abrir a alma em espírito de caridade nas várias circunstâncias das relações humanas”.

A formação do seminarista deve implicar o estudo da pastoral como uma verdadeira disciplina teológica. O diálogo ecumênico e inter-religioso deve fazer parte desta formação com o intuito de ajudá-lo a tomar atitudes pastorais de diálogo.

Também é importante incluir o estudo da situação sociocultural e sua progressiva evolução nos últimos anos para poder partir de uma realidade situada e capturar assim as aspirações dos contemporâneos, as novas oportunidades e exigências da evangelização, como é a situação das divisões religiosas. A experiência enriquece neste processo de confronto.

A presença e contribuição de leigos e leigas nas equipes de formação trazem uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando. São capazes de levar aos formandos o confronto com a diversidade religiosa e o posicionamento a ser requerido.

Elias Wolff afirma que

o horizonte teórico da formação ecumênica assume concretude tanto nas iniciativas pessoais quanto nas institucionais. No nível pessoal, a teoria ecumênica concretiza-se no modo como se realizam as experiências de aproximação e diálogo com os membros das outras tradições eclesiais e religiosas (...). No nível institucional, o horizonte teórico da formação ecumênica concretiza-se no modo como as conferências episcopais, dioceses e paróquias organizam o serviço da unidade (...). Os presbíteros não podem estar alheios à necessidade de um engajamento concreto nessas iniciativas de diálogo, contribuindo até para a sua criação. Tal engajamento está na base das convicções que expressam sua formação ecumênica (WOLFF, 2004, p. 34).

A necessidade do presbítero ser a pessoa do diálogo, a urgência de primeirear os irmãos das outras Igrejas e confissões cristãs bem como os fiéis das outras religiões na dinâmica de um novo estilo de vida pastoral é o que alerta a *Pastores Dabo Vobis*, nº 18.

4 O PRESBÍTERO É UM SUJEITO DE E DO DIÁLOGO

O presbítero possui papel necessário e insubstituível na missão da Igreja. Considerando Jesus Cristo como homem do diálogo, não há como não caracterizar a sua Igreja como dialogal. Isso se estende aos seus ministros eclesiais, mais especificamente aos presbíteros, homens da unidade. Diante da realidade diversa e plural, o diálogo já não é possibilidade, mas necessidade. O presbítero representa a Igreja, onde ele está também a Igreja se encontra.

O presbítero somente terá uma ação dialogante, se compreender e aprofundar que a vocação à unidade está na natureza dialogal da Igreja, que a unidade é caminho, meta, vocação e missão, sendo buscada incessantemente. Aos ministros ordenados cabe a responsabilidade de apresentarem a Igreja do e no diálogo pelo seu modo de vida e sua ação pastoral. Conforme Wolff, em *Ministros do Diálogo*,

o presbítero não pode omitir-se do diálogo. Não pode ficar à margem do caminho que possibilita encontros com os membros das diferen-

tes igrejas e religiões (...) O diálogo não é apenas um desejo ou algo opcional, mas uma necessidade para um frutífero exercício do seu ministério (WOLFE, 2004, p. 66-67).

CONCLUSÃO

Diante da necessidade de intercâmbio com o que é diferente e da crescente interação entre as diversas realidades religiosas, torna-se cada vez mais urgente a indispensável abertura para o diálogo. O diálogo é nobre, pois expressa a própria vontade de Deus que se comunica com a humanidade em vistas de sua salvação, sendo a própria religião um diálogo entre Deus e o ser humano.

Diante das religiões o diálogo precisa assumir uma condição de benefício, de valor, para que de fato se possa estar diante do outro como um exercício de aprendizado que não implica nem em abandonar suas convicções nem desfavorecer a convicção do outro. É imperativa a dignidade para o diálogo, ou seja, ninguém pode estabelecer diálogo com o outro sem estar firme e seguro de sua própria religião, pois poderia cair em um relativismo religioso. Para o diálogo é necessário os interlocutores terem um perfil dialógico, o que corresponde à seriedade da sua experiência de verdade religiosa como testemunho, diante da necessidade do diálogo a partir da defesa da vida e da construção da paz. Jamais se conseguirá diálogo autêntico, deixando de lado as diferenças religiosas, é antes um movimento em outra direção, é a partir destas mesmas diferenças religiosas que se constrói diálogo.

Os elementos apontados nos achados desta pesquisa corroboram a hipótese assumida inicialmente e vão ao encontro da questão levantada por esse estudo que permite acessar a experiência formativa do futuro presbítero. Contudo, é importante salientar que essa pesquisa não esgota a temática e nem pretende indicar que esses dados sejam uma verdade absoluta. O diálogo com a literatura da formação presbiteral e as orientações emanadas da Igreja Católica apontam uma profícua reflexão que reverbera positivamente nas dinâmicas institucionais e, sobretudo, na própria formação presbiteral. Exploramos os sinais do presente em vista de uma presença missionária dialogal dos padres num futuro recente.

Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual que permite tirar do tesouro coisas novas e velhas (Mt 13, 52). A coragem de renovação é garantia de futuro. Caso contrário, estaremos condenados a repetir o passado, num presente que tornou antiquado. A relevância do diálogo exige da comunidade de cristãos cada dia a coragem de “ver novamente” (Mc 10,51), como o cego Bartimeu à saída de Jericó.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003. 2ª Impressão.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 24ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1995. Edição preparada por B. Kloppenburg e F. Vier.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Documento 93).

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

_____. *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. 1ª Edição. Brasília: Edições CNBB, 2019a. (Documentos da CNBB 110).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Dom da Vocação Presbiteral: ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *Diretório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*. São Paulo: Paulinas, 1994.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis: sobre a formação dos sacerdotes*. 5ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Violência do rosto*. Traduzido por Fernando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2014.

PAULO VI. *Ecclesiam Suam: os caminhos da igreja*. 4ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1997.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. *A igreja e outras religiões: diálogo e missão*. São Paulo: Paulinas, 1984.

WOLFF, Elias. *Ministros do Diálogo: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral*. São Paulo: Paulus, 2004.